

A PRODUÇÃO DOS LIVROS PELA ABA

A Comissão editorial dividiu-se em duas frentes de trabalho, uma relativa aos livros e outra relativa aos periódicos. Igor Machado ficou responsável pelos livros: recepção dos originais, produção de pareceres e eventualmente a produção de alguns dos livros. Durante esses dois anos, a comissão foi responsável pela publicação de 8 livros. Temos em produção e em processo de avaliação mais 6 livros. São, portanto, 14 livros produzidos/em produção durante essa gestão. Esse é um número significativo, dada a estrutura ainda bastante amadora na produção editorial da ABA.

Em termos de funcionamento, procuramos padronizar os processos de recebimento e produção dos livros, com a elaboração de um conjunto simples e uniforme de regras, que apresentamos aqui como anexo 1. A coordenação dos livros também propôs um novo modelo para o funcionamento da produção dos livros, mas a proposta não foi adiante e ainda se encontra em debate. Essa proposta, apresentada no anexo 2, previa o funcionamento da produção de livros como uma editora, tentando profissionalizar os trabalhos.

LIVROS PUBLICADOS

1) *A antropologia na esfera pública: patrimônios culturais e museus*

Organizadoras: *Izabela Tamaso, Renata de Sá Gonçalves, Simone Vassallo*

2) *Antropologia e Direitos Humanos 8*

Organizadoras: *Lucía Eilbaum, Patrice Schuch, Gisele Fonseca Chagas*

3) *Antropologia da Política Indígena - Experiências e dinâmicas de participação e protagonismo indígena em processos eleitorais municipais (Brasil-América Latina)*

Organizadores: *Ricardo Verdum, Luís Roberto de Paula*

4) *Antropologia, cooperação internacional e processos de formação de estado: entre práticas de governo e práticas da política*

Organizadoras: *Maria Macedo Barroso, Carla Susana Alem Abrantes*

5) *Giralda Seyfert: Muito além da Migração*

Organizadoras: *Mirian de Oliveira Santos, Patrícia Reinheimer*

6) *Políticas Etnográficas no Campo da Ciência e das Tecnologias da Vida*

Organizadores: *Jean Segata, Theophilos Rifiotis*

7) *Etnografia de um Congresso: a organização do 18º Congresso Mundial de Antropologia no Brasil*

Organizadoras: *Miriam Pillar Grossi, Tânia Welter*

8) *Performing modernities: pedagogies and technologies in the making of contemporary Timor-Leste*. (publicação em fevereiro de 2021)

Kelly Silva

LIVROS EM PRODUÇÃO NO MOMENTO

LIVROS APROVADOS:

1) *Vinte anos de diálogos: Os Esportes na Antropologia Brasileira.*

Wagner Camargo, Mariane Pisani e Luiz Rojo.

2) *Memórias, Violências e Investigação Colaborativa: Contribuições teórico-metodológicas e ético-políticas ao fazer etnográfico, organizado por*

Ricardo Verdum e Ana Margarita Ramos.

3) *From water to wine. Becoming middle class in Angola*

Jess Auerbach (tradução e publicação com recursos levantados pela autora).

4) *Ipea: etnografia de uma instituição. Entre pessoas e documentos.*

Carla Costa Teixeira e Sérgio Castiho

5) *Violências versus resistências. desigualdades de longa duração na Amazônia brasileira.*

Jane Beltrão

EM PROCESSO DE PARECERES

1) *África fora de casa: imagens fora de lugar.*

Antonio Motta, Andréa Lobo, Wilson Trajano Filho

ANEXO 1 – REGRAS

POR QUE E COMO PUBLICAR COM A ABA?

1) Por que publicar com a ABA?

Os livros publicados com o auxílio do ABA passam por um rigoroso processo de revisão por pares, coordenado pela comissão editorial da associação. Assim, ao serem publicados, os livros ganham a chancela de qualidade e reconhecimento da ABA.

Além disso, os livros são disponibilizados gratuitamente em formato digital, garantindo a ampla distribuição do livro. Mais pessoas têm acesso às publicações!

2) Como publicar com a ABA?

A ABA, por meio do selo editorial ABA, publica livros em coedição ou autonomamente. Vejamos o processo:

a) O livro deve ser enviado para a ABA pelo e-mail aba@abant.org.br em formato digital. O e-mail deve ser direcionado à comissão editorial.

b) Junto ao livro deve vir também um arquivo com a carta de apresentação da proposta de livro, que descreva e ofereça um rápido histórico da proposta.

c) A proposta deve vir também acompanhada de um arquivo com o plano financeiro: um detalhamento das fontes a serem utilizadas para a produção do livro. A ABA não dispõe de recursos próprios para edição dos livros e, portanto, os custos são de responsabilidade das e dos autoras/es.

d) A partir da recepção, haverá um processo de análise do material, culminando na sua aprovação ou não pela comissão editorial.

e) Uma vez aprovado, a produção se inicia, seja exclusivamente pela ABA ou em coedição com outras editoras (ou empresas de editoração/diagramação).

f) Em caso de coedição: as tratativas com a editora parceira são de responsabilidade dos autores. O princípio da coedição é a liberdade da ABA divulgar o livro gratuitamente em formato digital, enquanto a editora parceira pode vender o livro físico. A ABA não vende livros.

g) Em caso de produção exclusiva da ABA, o procedimento é a contratação de uma empresa editorial para produção do livro, com os recursos apresentados no plano financeiro das/os autoras/es.

3) Quanto custa produzir um livro?

Estipular o valor é um processo muito variável: depende da quantidade das páginas, de imagens, do tipo de papel (no caso de livros físicos) e ainda outras variáveis. A ABA não oferece orçamentos por não ter equipe técnica. Assim, cabe ao autor levantar seus custos prováveis (basta consultar editoras comerciais, por exemplo). A ABA trabalha

com o plano financeiro do autor da obra aprovada para executar a publicação: se o plano não cobrir os custos efetivos, a obra não será publicada. Há a possibilidade do plano ser atualizado para valores mais realistas ao longo do processo.

ANEXO 2

UM MODELO DE EDITORA PARA A ABA

Por que deveríamos pensar em uma editora para a ABA? E caso achemos uma boa ideia, qual estrutura ela deveria ter? Sugiro aqui uma explicação para a existência de uma editora e também um modelo preliminar de estrutura e funcionamento.

JUSTIFICATIVAS:

1) A primeira questão é que existe um selo ABA, o ABA Publicações, que é como uma editora mas não é. Há um grande número de livros publicados pela ABA, sob esse selo, mas sem qualquer estrutura que ordene efetivamente o processo. Há uma comissão editorial, mas nem todos os livros publicados partem da comissão, nem ela funciona como uma verdadeira comissão. O problema que isso impõe, do ponto de vista editorial, é que a produção dos livros é sempre amadora, coordenada a cada momento de um jeito diferente. Isso resulta que a qualidade editorial dos livros é tremendamente variável. Há livros bem editados e livros nem tão bem editados. A editora da ABA seria um instrumento de centralização da produção de todos os livros, num processo claro, democrático e transparente, capaz de dar unidade editorial a quaisquer dos livros. Isso significa que, ao publicar na ABA, autores teriam certeza da qualidade do livro. Essa questão é realmente importante, por tornar os livros da ABA em referência editorial e valorizar a publicação da associação.

2) A formação da editora possibilitaria uma descompressão das demandas à diretoria pelas publicações e pelo custeamento das obras. Ou seja, a existência de uma editora da ABA com estrutura independente permitiria que essas demandas fossem repassadas à editora, que com um processo editorial claro e transparente poderia avaliar as demandas com base na qualidade e não na influência ou outros critérios. (A presidência não precisaria falar os não que são necessários, mas geram desgaste político).

3) Uma política transparente aumentaria o interesse pela editora, fazendo com que muitas demandas que são levadas a editoras pequenas e privadas pudessem ser canalizadas à editora da ABA que, com uma estrutura organizada, poderia captar recursos e construir lentamente uma política autossustentável economicamente. Seria possível concorrer a recursos públicos de agências de fomento como a FAPESP, por exemplo.

4) Uma editora permitiria um manejo mais eficiente do acervo de obras da ABA (no site contei 89 obras da associação, muitas delas esgotadas). Esse acervo não recebe a devida

atenção e fica meio jogado no site da ABA. O ideal seria construir um site independente da editora, no qual todo o acervo fosse encontrado, com mais informações sobre os livros. A existência de uma editora permitiria a assinatura de contratos com parceiros que permitiram, por exemplo, a impressão on-demand de livros esgotados ou mesmo de livros que apareceram apenas como e-books. Isso reviveria o catálogo da ABA, além de eventualmente permitir juntar recursos para a sustentabilidade econômica da editora (a ser construída lentamente, claro).

5) Atualmente a ABA tem custeado a produção e impressão de algumas obras, que são distribuídas gratuitamente aos associados. Essa política precisa e deveria ser revista por uma editora. Não há muito sentido em distribuir mil livros (com custo altíssimo tanto de produção, de envio, como de armazenamento) gratuitamente se eles já são disponíveis gratuitamente em formato digital. Entendo que uma editora poderia mudar esse hábito consolidado, produzindo os livros e distribuindo gratuitamente em formato digital, mas não em formato impresso (para o qual os modelos de impressão on-demand seriam ideais e eventualmente até mesmo de impressão normal e venda, no caso de alguns livros que poderiam ter importância comercial.)

6) Com um desenho cuidadoso, a editora seria rapidamente uma referência na área da antropologia, com a concentração de obras importantes do campo, gerando a possibilidade de uma sustentabilidade econômica e eventualmente até mesmo de gerar recursos para a associação.

7) A editora teria capacidade de indução de publicações em áreas que a associação entenda que é preciso investir intelectualmente, com chamadas públicas para publicações em temas específicos, como educação e antropologia, questões políticas prementes etc. Uma editora pode fomentar uma estratégia política e intelectual de fortalecimento do campo. Pode ser um instrumento também de defesa política, face as pressões que sofrem a associação e a antropologia brasileira nesse momento.

ESTRUTURA

1) Para funcionar, imagino uma pessoa jurídica diferente ou separada da ABA (ou ainda um CNPJ de filial), com caixa separado. Isso permitiria um tratamento mais democrático sobre os gastos: sabe-se exatamente quanto a ABA repassa à editora e quanto a editora produz de recursos e arrecada com agências de fomento. O projeto seria para que os repasses da ABA fossem cada vez menores até uma independência financeira.

2) A editora teria um conselho editorial e um conselho executivo. O conselho editorial seria escolhido pela ABA, com mandato de dois anos e o conselho executivo seria escolhido pela diretoria da editora, com aprovação da ABA (a pessoa para dirigir a editora seria escolhida pela presidência). (Isso porque para fazer funcionar, o conselho executivo tem que estar realmente afinado, é muito trabalho. Imagino um conselho executivo de 5 pessoas, a diretoria mais quatro vice-diretorias, ou algo assim). O conselho editorial, escolhido pela ABA, é que decide sobre que obras são publicadas ou

não, em reuniões regulares (mesmo que tenham que ser via digital, porque serão pessoas do país inteiro). Isso permitiria um fluxo de trabalho controlado pelo conselho executivo (receber obras, conseguir pareceres, remeter ao conselho editorial, gerenciar a editoração e publicação).

3) A editora assumiria todas as responsabilidades para viabilizar a produção das obras, mesmo que a princípio dependa dos recursos repassados pela ABA.

4) Há um conjunto de publicações que são tipicamente da própria diretoria da ABA, essas teriam sua publicação garantida em uma coleção específica, de forma a dar agilidade à produção dos livros fundamentais à presidência da ABA. Penso nos livros que são resultado de premiações, em obras de referência como o “Campo da Antropologia”, etc. Essas obras, desde que rotuladas pela presidência nessa coleção, seria publicadas em ritmo mais acelerado, e com custeamento da ABA.

5) Assim, todas as obras que não sejam dessa coleção da presidência seriam apresentadas à editora de forma autônoma, independente e transparente, remetendo todas as responsabilidades ao conselho executivo e conselho editorial. As “obras da presidência” seriam também remetidas com toda a transparência, levadas ao conselho editorial, mas garantidas as suas publicações estatutariamente.

6) A constituição de uma editora formal levaria um tempo burocrático e implicaria inicialmente em muito apoio da Associação para auxiliar nessa formação: tempo da secretaria, ajuda financeira para constituição do cnpj etc. Ou seja, é preciso um empenho político na formação de uma estrutura nesse primeiro momento.